

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

MISÉRIA DA PROSPERIDADE. A RELIGÃO MERCANTIL E OS SEUS INIMIGOS¹

Pascal Bruckner

Ensaísta polémico, romancista e agraciado com diversos prémios, Pascal Bruckner é um dos autores franceses mais prolíficos e conhecidos da atualidade, tendo a sua extensa obra sido traduzida em cerca de trinta idiomas. Se inicialmente se identificou com a corrente dos designados “Novos filósofos”, que integrou figuras como André Glucksmann e Bernard-Henri Lévy, Pascal Bruckner foi estruturando o seu pensamento de um modo algo ambivalente: libertário fascinado pela Utopia social de Fourier, que marcou de forma indelével muitas das suas reflexões -designadamente sobre o amor e a sexualidade -, algumas das suas posições políticas, pelo contrário, situam-se num quadrante ideológico mais neoconservador, de entre as quais se destaca a sua leitura do complexo colonialista, racista e islamofóbico dos países europeus. Os textos traduzidos foram retirados de dois dos seus ensaios mais marcantes, e ambos premiados, nos quais Bruckner expõe as suas reflexões sobre algumas das “patologias” sociais dos chamados países desenvolvidos, reveladas de modo paradoxal:

¹ Bruckner, Pascal (2002). *Misère de la Prospérité. La religion marchande et ses ennemis*. Paris: Grasset, pp. 220-223; 226-227.

endeusamento ou diabolização do capitalismo e da economia neoliberal; obsessão pelas aparências e validação grupal; idolatria do lazer desresponsabilizante e do consumo, como sucedâneos da dimensão religiosa. Em contraponto, o autor propõe perspectivas e atitudes inspiradas por um equilíbrio libertador entre as necessidades de um consumo racional e o culto de um saber viver enraizado em valores mais elevados.

Para além do carnaval multicolor dos ativistas, das violências rituais, das palhaçadas mediáticas, do folclore das “utopias pirata” (Hakim Bey) e de outras “zonas de autonomia temporária”, o anticapitalismo contemporâneo constitui o espaço de um duplo desafio: por um lado, promover um sistema mais eficaz de redistribuição de recursos, graças a novas regulações; por outro lado, subtrair à remuneração universal o maior número possível de domínios, desviar o móbil económico em prol de atividades psíquicas superiores. Tais atitudes não são incompatíveis e pode querer-se retificar certos excessos do sistema, operando uma secessão mental relativamente aos seus postulados. Aquilo que está a iniciar-se, pelo menos nos países desenvolvidos, é porventura uma deserção tateante da utopia materialista, a qual, dois séculos depois da sua expansão, revela os seus limites e acaba por se voltar contra os seus principais beneficiários. É possível que o Ocidente, que precipitou o mundo na aventura industrial, seja o único a conseguir ultrapassá-la, que o lugar da queda, para usar as palavras do filósofo iraniano Daryus Shayegan, seja também o do ponto de viragem, o da transfiguração.

Uma vez mais, desconfiemos da dupla estreitamente unida que constituem o capitalismo e o seu contestatário: a raiva torna-os cativos um do outro, e o segundo é simultaneamente a má consciência, os olhos e os ouvidos do primeiro, que ele conforta enquanto o desgasta. Aquilo que o primeiro teme acima de tudo não é a instauração de modelos alternativos, úteis e facilmente recuperáveis,

mas a desafetação, essa lassidão pontual que cresce no seio das nossas sociedades (atingindo os decisores políticos, os investidores, os banqueiros) face à superprodução insensata, ao lixo acumulado nas vitrines, ao mercantilismo nauseante, à embriaguez publicitária; trata-se do salutar “para quê?” daqueles que já não compreendem o sentido dessas pseudo-riquezas. “A indiferença é uma recusa de valorização eventualmente muito positiva” (Georg Simmel). O que morre talvez em nós é o fervor para com o deus mercado, cuja omnipresença poderia bem coincidir com a trivialização; o que se instala lentamente é menos um ideal de revolução do que de afastamento. Ser “anticapitalista” é primeiramente deixar de estar obcecado pelo capitalismo, é pensar noutro assunto. *Em lugar de estar contra, porque não estar ao lado, evadir-se?* Pode desertar-se alterando os sinais de luxo: tempo livre, em detrimento de salários muito elevados; meditação, em lugar de frenesim; vida espiritual, em vez de febre comercial; os pequenos círculos, em lugar das elites mundanas; isolar-se com amigos selecionados, em vez de viver só, no meio da multidão. Em suma, o recuo doseado com sabedoria, uma contradição lucidamente aceite: nichos de beleza, de silêncio, de cultura, uma subtil esquizofrenia que permite estar dentro e fora, desprender-se sem se distanciar, um exílio interior. Passos minúsculos que farão rir os sérios, os importantes, mas que não têm qualquer ambição para além de inverter as prioridades. Adotar estratégias de fuga, desde que tal evasão surja no termo de uma estreita união com o sistema, como uma escalada que o obrigasse a deixar-se levar, a balbuciar. Não sermos já os heróis de uma causa, mas os apóstatas do trabalho, os trânsfugas da transação. Valorizar tudo o que não pertence estritamente à ordem do utilitário, os bens não contabilizáveis: a poesia, o amor, o erotismo, a contemplação da natureza, a solidariedade, tudo o que vai além do ser humano, o que o leva mais alto, o arranca à sua pequenez, à sua mediocridade pecuniária, à compulsão maníaca de acumular.

Mantém-se então com o capitalismo uma relação que não é de amor nem de ódio, mas de puro cinismo. Aproveitamos dessa ferramenta o que nos convém e rejeitamos o que nos prejudica. Servimo-nos dela como ela se serve dos seres humanos, sem gratidão nem maldição, retendo na memória que se trata simultaneamente de um fator de opulência sem precedente e de irremediável discórdia. Defende-se a ideologia do lucro, desde que ela redunde em nosso benefício, moldando-a aos nossos desejos, utilizando-a sem estados de alma, sem essa particular acrimónia que caracteriza o antigo militante esquerdista ou comunista. Ela é relativizada porque já não se acredita nela e porque se abandona esse deus fatigado em nome de quem os seres humanos se degolam há séculos. Admite-se o capitalismo a despeito das suas imperfeições e por ser imperfeito, o que o torna corrigível. Entre a adulação e o anátema, opta-se pela dúvida que salva. [...]

Existem ainda pessoas a quem o poder, sobretudo o financeiro, deixa indiferentes. Existe uma vida para além da ruminação financeira, existem deslumbramentos, bifurcações mentais que escapam às lógicas produtivas. Atualmente, os valores sublimes refugiam-se preferencialmente na música, na arte e no amor, em detrimento dos valores de troca e do bezerro de ouro. A paixão do dinheiro pelo dinheiro não é criminosa ou patológica: ela é apenas desoladora quando não é equilibrada por outras fruições, outras paixões mais delicadas, mais elevadas. Miséria da prosperidade, quando ela é somente de ordem material, não sendo animada por nenhum sopro, nenhuma nobreza, nem reinvestida socialmente, partilhada em prol da maioria das pessoas. É importante destituir o dinheiro do trono em que imprudentemente o colocámos, para mais facilmente o chamarmos a desempenhar o seu papel de mediador, de “prostituta universal” (Shakespeare) que aproxima os opostos, irriga continentes e culturas.

Talvez não seja negativo o facto de subsistir, em França, uma certa reserva a seu respeito, herança do catolicismo e da República.

Tal não é viável sem uma grande dose de hipocrisia, uma tolerância suspeita relativamente à corrupção e uma atitude trocista e nociva perante o sucesso. Dessa forma, reafirmam-se pelo menos as verdadeiras prioridades, que a riqueza não é nada se não for colocada ao serviço de uma causa, de uma grande ideia. O Hexágono, tal como outros países europeus, continua a ser a nação da arte de viver, em contraste com a lógica mercantil, apoiada em costumes e maneiras porventura antiquados aos olhos do estrangeiro, mas que para nós representam liberdade e refinamento. A França deve permanecer, no consenso universal, aquela que impede o comprazimento tranquilo, que coloca questões incómodas, ousa por vezes dizer não. É o seu arcaísmo, o seu génio do contratempo, que a converte num lugar privilegiado.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE

ROSÁRIO NETO MARIANO

Universidade de Coimbra